

UMA EXPERIÊNCIA COM A OBRA CHAPEUZINHO VERMELHO: UMA AVENTURA BORBULHANTE NA MEDIAÇÃO DE LEITURA NO PIBID

Maria Jocelma Duarte de Lima; Lívia Natalia Dias; Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: jocelmaduarte@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: livia.natdias@gmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte E-mail: kekesoares@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é mostrar o quanto é importante a mediação de leitura para o processo de formação do estudante leitor, e o papel relevante que a família e os professores exercem a respeito deste assunto, pois acredita-se que para formar bons leitores necessita-se que os primeiros contatos com a leitura sejam prazerosos e que continue sendo, até que as crianças tenham consciência de que realmente lê porque gosta. O processo metodológico se concretizou através das atividades do Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, uma experiência de leitura com a obra “Chapeuzinho vermelho: uma aventura borbulhante”, com uma turma do 2º ano das séries iniciais da Escola Estadual Patronato Alfredo Fernandes, na qual pode-se observar o quanto é importante a presença da leitura para a formação dos alunos, inclusive os que ainda não sabem decodificar se saíram muito bem no reconto da história, dessa forma foi uma experiência muito significativa.

Palavras-Chave: Mediação. Leitura. Formação.

INTRODUÇÃO

Quem de nós nunca ouviu uma história contada pela mãe, pai, avó, tio, tia ou de qualquer outra pessoa? Acreditamos que todos já ouviram, mesmo que não tenha sido uma história lida de um livro, mas apenas contada, a maneira não importa, o que realmente importa é a intensidade com a qual ouvimos, e a maneira como nossos primeiros mediadores nos apresentam essas histórias. Ouvir histórias é o primeiro contato da criança com a leitura, e se torna decisiva para sua futura vida de leitor. A autora Lois (2010, p. 28) diz que “[...] essas histórias possuíam um lugar especial e permanecem até hoje na memória, não somente pela beleza de seu texto, ou alegria musical, mas por terem sido apresentadas pelas mãos de afeto, por alguém representativo na vida da criança”.

Atualmente encontramos muitas crianças e adolescentes que não gostam de leitura, e que quando escutam a palavra leitura já associa diretamente ao ensino da língua portuguesa, isso se dá pelo fato de muitos professores só usarem a leitura com um objetivo gramatical, e nunca estimular o lado da leitura prazerosa, aquela leitura que você mesmo escolheu ler, sem que depois tenha que fazer algum trabalho relativo a ela. Talvez esse seja o maior entrave que a leitura tem atualmente.

É pensando nessa perspectiva que optamos por trabalhar através das atividades do PIBID/PEDAGOGIA a obra “chapeuzinho vermelho: uma aventura borbulhante”, afim de

analisarmos a leitura dos alunos do 2º da escola Patronato Alfredo Fernandes. Tivemos como objetivo desse trabalho ressaltar a importância da leitura na formação dos alunos e nossa metodologia foi baseada na contação da história através de uma leitura dialogada com os alunos e em seguida os mesmos recontariam as histórias, ou com palavras ou com desenhos.

DEFINIÇÃO DE LEITURA

Se pesquisarmos a respeito da definição de leitura, com certeza encontraremos várias definições do assunto, e se perguntarmos as pessoas o que é leitura também encontraremos várias definições, algumas positivas, outras negativas. Para nos aprofundarmos melhor na temática, buscamos primeiramente a definição da mesma a partir dos autores que nortearam a nossa pesquisa.

Primeiramente se procurarmos no dicionário Aurélio, encontraremos seguinte definição, “Ato, arte ou hábito de ler” (FERREIRO, 2001), este se encaixa perfeitamente a definição de algumas pessoas, já que muitos acham que ler é apenas um hábito, ou uma obrigação, e outros definem especificamente como uma arte, a qual proporciona adquirir muito mais prazer e conhecimento a respeito de determinado assunto.

Outra definição bastante importante para nossa pesquisa foi a da autora Isabel Solé, no seu livro “Estratégias de leitura”, quando ela diz que “[...] a leitura é um processo de interação entre leitor e o texto, neste processo tenta-se satisfazer *[obter uma informação pertinente para]* os objetivos que guiam sua leitura. ” (Solé, 1998, p. 22). Na sequência da obra a autora explica o porquê desta definição, dizendo que a leitura:

Em primeiro lugar, envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras do jogo); informa-se sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a revolução francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; aplicar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho, etc. (SOLE, 1998, p. 22)

Continuamos a nossa pesquisa, e encontramos outra definição bastante importante a partir da leitura, da autora Raquel Villardi, na sua obra “Ensinando a gostar de ler e formando leitores para vida inteira”, onde primeiramente fala do ato de ler definindo como “[...] fundamental não apenas

na formação acadêmica do aluno, mas também na formação do cidadão; ” (VILLARDI, 1999, p. 03), e continua dizendo que,

A princípio, tendemos a considerar que ler é “reconhecer palavras”, decodificar, ou seja, sabe ler quem é alfabetizado. Este enfoque restrito se alarga quando consideramos que a leitura, efetivamente, só se faz no momento em que somos capazes de atribuir sentido ao que foi decodificado. Mas numa visão ainda mais ampla, ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente as informações colhidas, [...] (VILLARDI, 1999, p. 03-04)

Em busca de mais definições, encontramos a do autor Elias José, na sua obra “Literatura infantil: ler, contar e encantar”, ele diz que “[...] é preciso ler: pelo prazer, pelo saber e para obter poder” (JOSÉ, 2009, p. 18), uma pequena definição que para o autor faz muito sentido, ele continua ressaltando ainda o quanto é importante a leitura em nossas vidas, e principalmente a leitura de literatura, que “[...] pode nos levar a um mundo idealizado, capaz de nos dar, sem nos alienar, o que o cotidiano nos nega”. (JOSÉ, 2009, p. 19)

Por último, das obras pesquisadas, e não menos importante, vem a definição de leitura a partir da concepção da autora Lena Lois, na sua obra “Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula”, onde ela começa dizendo que “[...] o conceito de leitura remete inicialmente ao ato de apreender a ler” (LOIS, 2010, p. 16). A autora ainda continua falando a respeito do assunto, quando diz que “o conceito de leitura do passado (e sabemos que não é tão passado assim!) Tinha como princípio a organização da subjetividade do leitor em formação” (LOIS, 2010, p.17, grifos da autora).

E mais a frente a mesma autora ainda traz a sua opinião a respeito do poder que a leitura tem na vida das pessoas, ao afirmar que “[...] o poder maior que a leitura dá ao cidadão não deve estar apenas em sua autonomia para atividades da vida diária, mas em seu poder de escolha: ler para ampliar sua bagagem, expressar sua subjetividade e ir adiante em sua contribuição social”. (LOIS, 2010, p. 19)

Dessa forma, diante dessas definições resolvemos estudar e pesquisar sobre o poder que a mediação de leitura tem no processo de formação de um aluno leitor, e mostrar que uma criança que tem contato com a leitura tem mais possibilidade de se tornar um adulto feliz no futuro.

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR

Para muitos a conquista de aprender a ler não tem muita importância, já para outros significa uma conquista e tanto, talvez algo esperado por muito tempo para acontecer, como se fosse outra fase da vida, ou como diz Lois, (2010)

O gesto da leitura funciona como um “ritual de passagem” para uma nova etapa da vida do estudante e representa (ainda que em fantasia) o momento mais difícil (e mais sedutor) da sua infância. Saber o que dizem aqueles símbolos negros sobre o papel é quase como ganhar o mundo. Quase não. Na verdade, é uma das formas de ganhar o mundo, porquanto representa autonomia, liberdade e poder para uma série de coisas (LOIS, 2010, p. 16, grifos da autora)

Essa série de coisas as quais a autora se refere muitos chamam de leitura do mundo, que é muito diferente de apenas decodificar, essa leitura se inicia logo nas primeiras horas da criança no mundo, quando ela tem os primeiros contatos com a mãe, com o ambiente no qual ela vai conviver, e a partir da leitura que ela faz dessas situações é que começa a achar uma maneira de se comunicar com as pessoas que a rodeiam, por exemplo quando está com fome, ou com alguma dor começa a chorar, por que sabe que chorando alguém vai até lá saber se tem algo de errado.

Quando a criança vai crescendo vai aparecendo outros tipos de leituras, a oral e a decodificação, o primeiro contato é sempre com a leitura oral, geralmente através de alguém muito próximo dela que, antes mesmo de a criança frequentar uma escola já tem contato com as contações de histórias, seja uma história de livro, os contos de fadas, ou inventada na hora, ou uma música, não importa o gênero, o que realmente importa é que a partir daí a criança já se torna um leitor.

É nessa fase que conhecemos verdadeiramente a leitura prazerosa, sem cobrança para depois da leitura, como algum exercício para responder, ou ter que falar para professora e o restante da turma o que entendeu da leitura.

Resumindo, ensinamos tudo de livro a ele, naquele tempo em que ele não sabia nem ler. Nós o abrimos à infinita diversidade das coisas imaginárias, o iniciamos nas alegrias da viagem vertical, o dotamos da ubiquidade, libertado de cronos, mergulhado na solidão fabulosamente povoada de leitor. [...] que pedagogos éramos quando não tínhamos a preocupação da pedagogia! (PENNAC, 2011, p. 18-19)

Quando as crianças alcançam a idade adequada para ir para a escola, geralmente essa responsabilidade de ler é passada para o professor (a). O que em muitos casos pode se tornar um problema, posto que essa leitura muitas vezes vem acarretada de muita cobrança por parte do professor, e aquele prazer de antes se torna mais uma obrigação. O que era uma leitura informal

passa a ser formalizada, “quando a escola se encarrega de formalizar essa relação, muitas vezes acontece o indesejado: o estudante não lê, passa a estabelecer uma relação quase que marginalizada com o livro e deixa de evidenciar todo potencial de prazer experimentado por ocasião dos contos de fadas”. (LOIS, 2010, p. 81)

Mas nem sempre as coisas têm que acontecer dessa maneira, vai depender muito de como o professor apresenta o livro ao aluno, pois o segredo está na mediação, por exemplo, se o docente apenas apresentar a leitura para o aluno, sem cativá-lo, sem deixá-lo curioso a respeito daquela história de nada vai ter servido aquela leitura, mas se o professor (a) mostrar a verdadeira magia que existe na leitura com certeza tocará no mais íntimo dos alunos e despertará o leitor que todos têm dentro de si.

O segredo está na arte de narrar as histórias. José (2009, p. 60) diz que “a narração é uma arte que diverte, educa, ensina, desperta a criança para o espírito ético, para a verdadeira cidadania, e sobretudo estimula a leitura literária”.

Portanto um fator decisivo para a formação de um estudante leitor é como o livro é apresentado a ele, e geralmente essa responsabilidade recai somente para o professor, mas a escola no geral também tem obrigações para manter com os alunos a respeito desse assunto, pois tem a obrigação de proporcionar um lugar adequado para que essa relação com a leitura seja mais afetiva, como por exemplo uma biblioteca adequada ou uma sala de leitura.

Villardi na sua obra “Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira” vem falando um pouco sobre como seria essa sala de leitura, e esse ambiente adequado para ler, ela ressalta que,

A sala de leitura deve ser, antes de tudo, um espaço bem cuidado, atraente, onde haja luminosidade e conforto, capaz de propiciar a seu usuário momentos agradáveis, na companhia de muitos, muitos livros. O profissional responsável pela sala de leitura deve ser capaz de criar um clima que compatibilize a calma desejável para a leitura, com a liberdade indispensável ao tipo de atividade proposta. (VILLARDI, 1999, p. 96)

Mediante tudo o que foi dito até aqui, podemos ressaltar o quanto é importante para a formação de um leitor, uma boa mediação e narração, e o quanto isso é decisivo na vida futura dos alunos, a história é muito importante nas nossas vidas, esta “[...] tem o poder mágico de ligar pessoas pelo fio da narrativa. É uma troca com muitos truques, que prendem, amarram, no bom sentido” (JOSÉ, 2009, p. 60)

Portanto cabe aos contadores se conscientizarem do quanto é importante o seu papel para a formação do leitor, seja esse contador um professor, alguém da família, ou um amigo, não importa, o que realmente importa é a ação que estes praticam, e como praticam, não se pode contar história de qualquer jeito. De acordo com José:

Há muitas formas de contar histórias, todas muito importantes para o prazer do ouvir e para incentivar o prazer da leitura silenciosa. Do ouvido surge o interesse da criança pelas histórias escritas. Surge o prazer também de criar histórias, seja a nível familiar ou escolar, com pretensão escolar ou não. (JOSÉ, 2009, p. 58)

De fato, cabe aos adultos essa responsabilidade de incentivar e mediar esse contato entre criança e livro, por exemplo, quando pensarem em dar um presente para uma criança, um livro está no topo da preferência, afinal é um dos presentes mais úteis para quem quer vencer na vida. Sobre esse aspecto, José defende que:

Pais e professores fiquem atentos, se quiserem formar gerações de pessoas felizes e aptos a vencerem na vida. O livro infantil, que é oferecido para a criança ler, ou é lido para ela, caso não esteja alfabetizada, é um brinquedo capaz de despertar o interesse pelas coisas sensíveis, criativas, inteligentes e belas. Através das histórias fictícias e da poesia, fazemos uma viagem de sonho e de puro encantamento. Aprendemos sem traumas, a lidar com os problemas diários. Conhecemos melhor a realidade que nos cerca. Crianças e jovens que não tiveram o seu imaginário desenvolvido, aquecido pela leitura literária, pela dramatização, pelo poder de encantamento da música e das artes plásticas, serão adultos pessimistas, endurecidos, incapazes de sorrir e ser feliz. (JOSÉ, 2009, p. 29)

Sendo assim, espera-se que haja um trabalho coletivo quando nos referimos a leitura e a formação leitoras, pois é uma atividade que se inicia em casa no seio familiar e que tenha continuidade nas escolas através do professor e de todos que trabalham diretamente com esse aspecto, pois diante do que foi exposto podemos perceber que o aluno que já traz na sua vivência diária o contato com a literatura possivelmente se desenvolvera mais rápido.

A EXPERIÊNCIA DA LEITURA DO LIVRO “CHAPEUZINHO VERMELHO: UMA AVENTURA BORBULHANTE” NA ESCOLA PATRONATO

Nossa experiência ocorreu na escola estadual Patronato Alfredo Fernandes, com uma turma de 2º (segundo) ano das séries iniciais, do Ensino Fundamental. Optamos por essa escola porque é uma das contempladas com o programa PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), na qual atuamos como bolsistas do referido programa. A escolha da obra a ser trabalhada

se deu por escolha a partir do acervo da biblioteca da própria escola, e o principal motivo que nos levou a escolher justamente esta obra foi por esta ser uma adaptação de uma das histórias mais conhecidas, a da “Chapeuzinho Vermelho”, que ao longo do tempo vem encantando gerações.

Começamos o nosso trabalho com uma conversa informal com os alunos a respeito de ouvir as histórias, se eles gostavam mais de ouvir ou de contar, e assim por diante. Em meio a essa conversa apresentamos o livro que logo após a conversa seria lido para eles, a primeira reação de quase toda a turma foi dizer “ah, agente já leu essa história”, “conte outra por que a gente já conhece”. Em seguida todos fizeram silêncio, para começarmos a contar a história.

Optamos por contar essa história através de uma conversa entre a mediadora e os alunos, pois sabíamos que quando eles notassem que a história era realmente diferente da que pensavam todos iam querer comentar sobre a mesma. E foi assim que ocorreu, logo no começo da história todos se espantaram, por que Chapeuzinho Vermelho era um menino, diferente da outra história. E assim seguimos até o fim da contação, sempre que eles notavam alguma coisa diferente comentavam.

Depois que a contação da história acabou, e eles fizeram todos os comentários que queriam (comentários que surgiu espontaneamente, acreditamos que ocorreu pelo fato de terem se surpreendido com a história) e conheceram o livro, por que todos queriam ver, pegar e folhear para ver todas as imagens, foi aplicada com o auxílio da professora uma atividade de reconto da história, na qual eles teriam que recontar por escrito a história que foi lida, e em seguida os que quisessem leriam para o restante da turma.

No começo da atividade houve algumas resistências, alguns não queriam escrever porque não se lembravam mais da história, ou não sabiam a ordem que as coisas teriam acontecido, entre outros obstáculos que foram impostos por eles, mas quando viram que muitos dos alunos estavam fazendo, os que não queriam se empolgaram também.

Na sala de aula há uma pequena quantidade de alunos que ainda não sabem ler, para estes foi aberto uma exceção, poderiam recontar a história em forma de desenho, e assim se procedeu nossa atividade. A grande maioria da sala leu muito bem, inclusive um dos alunos que não sabem ler foi o destaque da atividade, pois recontou de forma excelente a história lida, respeitando a sequência lógica da história.

De uma forma geral, os alunos leem muito bem, respeitando pontos, vírgulas e pausa. Seguindo o modelo de avaliação que Solé, em sua obra “estratégias de leitura”, na qual aborda três

tipos de avaliação: *avaliação inicial*, *avaliação somativa* e *avaliação formativa*. Das três avaliações citadas acima, a que mais se encaixou nos nossos propósitos foi a *avaliação inicial*.

A *avaliação inicial* “através da qual obtemos informações sobre a bagagem com que aluno aborda a atividade de leitura” (SOLÉ, 1996, p. 164), podemos dizer que muitos já têm uma bagagem bem ampla, já leu muitos livros de história, de quadrinhos entre outros gêneros, notamos que mesmo os que ainda não conseguem ler, gostam muito de pegar livros na biblioteca para que outras pessoas leiam para ele. Solé, aborda que:

Em suma, de forma em que caracterizamos o ensino da leitura, parece claro que o acesso a bagagem com que os alunos abordam (avaliação inicial) é indispensável para saber de onde eles partem e para calcular a distância que devem observar as atividades propostas a fim de assegurar o maior significado possível nas aprendizagens a serem realizadas. (SOLÉ, 1996, p. 166)

Assim, as atividades de leitura realizadas na sala de aula com a obra *Chapeuzinho Vermelho*: uma aventura borbulhante, foram muito satisfatórias, uma vez que, tanto a professora como os alunos cooperaram muito para a realização das mesmas.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos realizados nos encontros do PIBID, e de outras leituras podemos ressaltar o quanto é importante a mediação de leitura para a formação do leitor, e que é desde cedo que pais, familiares, amigos ou professores podem contribuir de forma positiva ou negativa, para a formação desse leitor.

Quando dizemos contribuir positivamente, estamos nos referindo a um tipo de mediação que incentiva a criança a querer a apreender mais e mais, e desperta nelas uma curiosidade boa sobre a leitura, é contar e encantar crianças, através das contações, o que estamos tentando dizer pode ser reforçado no que José diz quando se refere ao tipo de história que deve ser lida, e como deve ser lida para uma criança,

[...] história contada ou lida de maneira mágica, feita para encantar as crianças. Histórias que não querem vender algo, como nas narrativas da publicidade. Histórias sem vontade de passar lições religiosas ou morais, sem vontade de ensinar nada, mas lidas ou contadas pelo simples prazer de envolver nas tramas das narrativas. Pelo afeto e pelas palavras e gestos, criam-se e recriam-se mundos e seus habitantes fantásticos. Histórias criadas pelo que tem o homem de inventar, de ficcionar poética e teatralmente. (JOSÉ, 2009, p. 60)

Esse contato da criança com a leitura começa desde seu nascimento, e é fortalecido em casa através das leituras feitas pelos pais para o entretenimento da mesma, e cabe ao professor (a) manter esse laço firme. Esse é o ponto ao qual devemos sempre prestar atenção, jamais devemos confundir a mente da criança, usando uma literatura para em seguida passar uma avaliação, dessa forma ao invés de aproximar acabamos afastando estas da leitura. Sempre devemos separar a leitura “obrigatória”, da leitura prazerosa.

A prova desse fato é que quando chegamos a sala de aula para contar a história, não notamos muita empolgação das crianças, acreditamos que eles achavam que era mais uma leitura das que a professora faz em sala de aula, todos os dias, mas quando eles notaram que após lermos não teve nenhuma pergunta sobre a leitura, elas começaram a fluir espontaneamente, foi assim também na hora do reconto, ninguém era “obrigado” a fazer, mas todos quiseram recontar a história.

Para nós esse momento foi maravilhoso, foi dessa forma que a gente pode ver que aquela história tinha sido bem aceita pelos alunos, e que todos estavam recontando por puro prazer de ler, e os que não sabiam ler mais uma vez nos surpreenderam, pois contaram de forma excelente através dos desenhos.

REFERÊNCIAS

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto alegre: Mediação, 2009.

LOIS, Lena. **Teoria e pratica da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto alegre: Artmed, 2010.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de janeiro: Rocco, 2011.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artmed, 1998.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.



VI Semana de
Estudos,
Teorias e
Práticas Educativas

VI SETEPE

(83) 3322.3222
contato@setep2016.com.br
www.setep2016.com.br

r